

Era uma vez na Galileia

© 2024 – Mariléa de Castro

Era uma vez na Galiléia

O que Jesus não fez

Elizabeth

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-171-1

1ª edição – 2024

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Elizabeth (espírito)

Era uma vez na Galiléia: o que Jesus não fez
/ obra psicografada por Mariléa de Castro ; sob
orientação do espírito Elizabeth. – Limeira, SP:
Editora do Conhecimento, 2024.

112 p.

ISBN: 978-65-5727-171-1

1. Espiritismo 2. Bíblia – N.T. 3. Copistas 4. Obras
psicografadas I. Título II. Elizabeth (Espírito)

24-2745

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:
Espiritismo

Elizabeth

Era uma vez na Galileia

O que Jesus não fez

Obra psicografada por
Mariléa de Castro

1ª edição – 2024



PALESTINA NA ÉPOCA DE JESUS



A Mestre Ramatís/Filon de Alexandria/Pitágoras,
luz de nossos caminhos no planeta Terra.

A Hercílio Maes, o medianeiro fiel que primeiro
nos permitiu o reencontro com as palavras dele.

A Sávio Mendonça, médium de Ramatís, a cuja
clareza mediúnica e amparo amigo devo o estímulo
indispensável ao início desta obra.

Sumário

Prefácio do médium.....	11
Introdução	13
Capítulo 1 – O pátio que virou templo.....	16
Capítulo 2 – O Quinto Evangelho.....	26
Capítulo 3 – O beijo que não houve	36
Capítulo 4 – Desobsessão cara.....	47
Capítulo 5 – O falso brilho	55
Capítulo 6 – Maria de Magdala	64
Capítulo 7 – O copista do crepúsculo.....	78
Capítulo 8 – O Rabino de Alexandria.....	91
Capítulo 9 – Um Ex-Papa conta a verdade	103
Capítulo 10 – O Escriba de Cesareia.....	106
Nota de repúdio à pirataria.....	109

Em face da compreensão da humanidade, no vosso século, é preciso reajustar-se todos os fatos ocorridos na vida do Amado Jesus, para que ele reine no coração de todos os homens, sem quaisquer dúvidas e desconfianças geradas por acontecimentos fantasiosos.

Aproxima-se a época em que os relatos evangélicos serão escoimados de suas incongruências e interpolações interesseiras, surgindo a limpeza da movimentação e do pensamento exato de Jesus.

A colcha de retalhos, mitológica e ilusória, tecida por interesses religiosos para encobrir a verdade, será removida, surgindo o Jesus Angélico, mas despido de lendas, mitos e de credices dogmáticas do passado.

Existiam mais de quarenta evangelhos, todos diferentes entre si. Estes evangelhos foram selecionados pela Igreja, ficando reduzidos a quatro, os quais, já eivados de erros, continuaram sendo traduzidos das cópias primitivas; e ainda lhes fizeram outras interpolações, acréscimos e ajustes, no sentido de garantir interesses religiosos.

Malgrado as interpolações, incoerências, lendas, contradições ou arranjos sobre o que disse e viveu Jesus, jamais alguém poderá minar a textura sublime do Evangelho, que é fruto inconfundível da Inspiração Divina, o roteiro de uma nova forma de vida superior.

Ramatis – *O Sublime Peregrino*

Prefácio da médium

“Era uma vez” nos lembra histórias infantis, imaginárias, construídas pela fantasia para encantar-nos. Não por acaso foi sugerido explicitamente esse título pelo espírito amigo de Elizabeth, que construiu comigo estas páginas.

Foi para significar que diversos fatos atribuídos na letra dos evangelhos ao Mestre Jesus não passam de construções fictícias, devidas a propósitos diversos, bem ou mal intencionados. Irreais como contos de fadas. (Que às vezes parecem imitar, como no episódio de Jesus andando sobre as águas, como os gênios e espíritos da natureza, para embasbacar os discípulos).

Por outro lado, devemos esclarecer que os episódios aqui enfeixados resultam da conjunção de dois elementos.

A realidade dos fatos, aquilo que realmente ocorreu, o que Jesus fez ou não fez, disse ou não disse, é rigorosa expressão da verdade histórica, desvendada por Ramatis – pela primeira vez – nessa obra sem paralelo que é *O Sublime Peregrino*^[1]. Foi ele o primeiro e único, até hoje, a levantar a cortina do obscurecimento milenar e relatar, com toda a clareza e sem meias palavras, os fatos ignorados da existência de Jesus.

Esse é o fio condutor deste livrinho: as revelações de Ramatis, que já apontou aquilo que os exegetas vêm confirmando há décadas: *os quatro evangelhos foram adulterados*. De diversas formas e em inúmeras passagens. Eles o fazem por

[1] Ramatis. *O Sublime Peregrino*. Psicografado por Hercílio Maes. Limeira, EDITORA DO CONHECIMENTO, 1998.

análise comparativa, histórica e linguística, a partir dos achados, de diversos séculos, dos manuscritos com as narrativas evangélicas. Ramatis o faz por saber pelo conhecimento direto, tanto de sua vivência a época de Jesus, quando foi à Palestina encontrá-lo, como pela consulta aos Arquivos Eternos do *Akasha*.

Só ele pôde apontar, então, aquilo que nenhum estudioso poderia: *exatamente* o que *não* aconteceu – aquilo que Jesus *não disse e não fez*.

Para trazer essas realidades de forma amena, aqui os fatos foram revestidos de narrativas ficcionais, com personagens e narrativas construídas de maneira a atrair o leitor para o fundo de verdade que cada uma contém. Como diz a conhecida, mas ainda eficiente imagem de Eça de Queiroz: *Sob o manto diáfano da fantasia, a nudez forte da verdade*.

Nunca imaginei receber, pela mediunidade intuitiva, um texto de construção ficcional. Foi uma grata surpresa também o reencontro com Elizabeth, espírito amigo que foi escritora em outras épocas, e veio aproveitar a afinidade que já nos uniu em séculos antigos, a qual só pude resgatar graças à visão espiritual do médium e amigo Sávio Mendonça, a quem considero o padrinho desta obra.

Mariléa de Castro

Introdução

Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará. – Jesus

Dois mil anos.

E até hoje não O soubemos compreender.

Para uns, o próprio Deus encarnado. Para outros, um simples pregador virtuoso. Para alguns, um agitador mal sucedido.

Para os próprios cristãos, que em Seu nome já ordenaram matanças e torturas, Ele permanece em verdade desconhecido.

Graças às inserções milenares nos textos evangélicos, jamais contestados pelos que dizem amá-lo, permaneceu um ser incongruente, que preconizava a mansidão e chicoteava pessoas; que dizia ter vindo para aquilo, e à última hora pedia covardemente que Deus lhe afastasse o sacrifício; que chamava Deus de Pai e contava do Filho Pródigo, e à última hora admitia que esse Pai o tinha desamparado.

E os cristãos vêm há dois mil anos aceitando sem discutir esses ultrajes – não há outro qualificativo – à figura do Mestre Nazareno.

Assim como admitiram a infantilidade incoerente de diversos “milagres” sem lógica, que mais se poderia atribuir a um exibicionista que ao Mestre Planetário, que só veio ensinar o caminho da redenção interior a esta humanidade imatura.

Tudo porque nós, humanos, o dimensionamos, sem admitir isso, ao tamanho da nossa pequenez. Nós seríamos capazes de semelhantes absurdos.

Dois mil anos de louvores, oferendas, endeusamento e majestosas representações e templos, e pouquíssima adesão à Sua verdadeira ética de viver.

E de desconhecimento – com exceção dos Mestres de Sabedoria e discípulos adiantados da chamada Sabedoria Oculta^[2] – da verdadeira natureza cósmica desse espírito que um dia envergou os trajes terrenos e veio ao nosso encontro como Jesus de Nazaré. O sábio rabi, o misericordioso amigo, o luminoso Mestre Planetário, que *veio para os seus e os seus não o receberam*.

Quase dois mil anos passados, eis que pela primeira vez – *única e primeira vez, na história do cristianismo* – uma voz de imensa sabedoria e autoridade espiritual vem falar à terra para restabelecer a Verdade acerca do Nazareno.

Somente um Mestre de Sabedoria, e um que já havia iluminado os séculos, em várias épocas e lugares, com o Conhecimento Sagrado, teria a estatura espiritual para vir restabelecer o verdadeiro perfil do Divino Mestre.

Ele havia conduzido discípulos nos templos da Atlântida, da Índia e do Egito; enriquecera a Grécia antiga como Pitágoras, e foi Filon de Alexandria, o sábio filósofo do primeiro século. E, neste século vinte em que veio participar da preparação espiritual da Terra do Cruzeiro, deu-se a conhecer com o nome de Ramatis.

Entre suas obras mediunicamente ditadas, ressalta aquela em que desvendou a Verdade sobre a natureza e a trajetória do Mestre Nazareno^[3]. *O Sublime Peregrino* é a transcrição da estrita *verdade dos fatos*, dado que Filon conheceu pessoalmente o Rabi, e posteriormente consultou, no Invisível, os Arquivos Akáshicos^[4] e ali pôde recolher as cenas *reais* de sua

[2] Hoje *desocultada* já em boa medida, pelas diversas doutrinas espiritualistas divulgadas no Ocidente, a par do espiritismo e da umbanda.

[3] Sua estatura cósmica, Sua encarnação e chegada à matéria, Sua infância, família, ensinamentos, seguidores, Seu julgamento, a entrevista com Pilatos, a cena do Calvário, e muito mais.

[4] Esses registros, a Memória da Natureza, contêm a gravação de *todos* os acontecimentos que ocorrem na face do planeta, em qualquer época.

vida – não o que relatos falíveis e truncados têm apresentado como inquestionáveis “palavras divinas”.

O que emerge dessa obra é a verdadeira dimensão do Mestre Planetário, espírito num estágio evolutivo acima do humano, não sujeito às vaidades, à ira e às paixões em que ainda nos enredamos.

Ramatís aponta os atos e palavras acrescentados, com intenções boas ou más, ao texto dos evangelhos. E que significam uma distorção da imagem do Rabi, às vezes pueril e fantasiosa, em outras injuriosa e inadmissível.

O planeta já começa a vivenciar eventos físicos cruciais, a fim de preparar o cenário da nova civilização do terceiro milênio. Uma nova consciência coletiva está sendo preparada. E um novo patamar de ensinamentos espirituais se faz necessário, para os alunos mais amadurecidos da Escola Terra.

Para esses vieram as mensagens de Ramatís, que nos levam a desvendar horizontes mais amplos da Verdade Cósmica. E entre eles, não poderia estar ausente a verdade – finalmente expressa – sobre nosso Mestre Planetário.

Esta singela obra é como um pequeno ramo nascido do tronco dessa obra singular. Centrou-se em determinados fatos desvendados por Ramatís: as coisas que *Jesus não disse e não fez*, aceitas até hoje sem reflexão, que ainda cercam como bruma ilusória a Sua figura.

Oxalá possa auxiliar um pouco na percepção do verdadeiro perfil do Mestre Nazareno – e quem sabe, a suscitar um pouco mais de ternura espiritual por Ele, em retorno do imenso amor com que veio para nos resgatar da inconsciência, no rumo da Luz Eterna.

Capítulo 1

O pátio que virou templo

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra. – Jesus

Jamais esquecerei aquele dia em que O vi pela única vez.

Devo lembrar agora, mas o faço com a alma dolorida. Dizem-me que este humilde testemunho eu o devo a Ele, à Verdade dos fatos, e portanto não o negarei, ainda que alguns não o considerem veraz ou relevante. Mas é com o coração sincero que o trago e deponho aos pés d'Ele, a Luz que brilhou nas trevas do planeta.

Naquela ocasião de Sua passagem pela terra eu fui Yoel, um simples comerciante de Jerusalém. Meu pai, Efraim, tinha vindo de Chipre, desposara minha mãe, Débora, e acabou se estabelecendo na cidade com seu comércio de velas, óleo para lâmpadas e outras mercadorias. Eu cresci entre as vielas e bairros simples da cidade, e mais tarde encontrei e casei-me com Leah. Herdei a pequena loja de meu pai, em pleno centro da buliçosa área do comércio, numa viela transversal à rua das Especiarias. E foi ali que vivi esse dia inesquecível que tento relatar, sabendo de antemão que não o conseguirei como merece.

Preciso voltar um pouco no tempo para explicar meu conhecimento anterior sobre o Messias.

O irmão de Leah, meu cunhado Kaleb, viajara certo dia a Betânia, para tratar de um carregamento de peças de lã para sua loja. Ali hospedou-se com um amigo, Eliezer, que lhe narrou algo extraordinário.

Andava peregrinando pelas estradas da Galileia um rabi, daqueles tradicionais que iam pelos vilarejos, ensinando ao povo e traduzindo as palavras da Lei. Mas esse rabi era diferente. Eliezer estava passando um dia, ao entardecer, por um local onde um ajuntamento de pessoas se espalhava no dorso de uma colina baixa; disseram-lhe que vinham escutar o Rabi de Nazaré, que ensinava coisas novas e cheias de esperança sobre o reino de Jeová. Curioso, decidi escutar um pouco. E fiquei impressionado com o que ouviu.

O Rabi, ele o descreveu como uma figura incomum e bela, com um porte nobre e um olhar de grande doçura, enquanto sua voz e forma de falar expressavam uma autoridade serena, uma sabedoria que nunca vira antes. Mas foi seu ensino o que mais o impressionou. Ele falava de Jeová chamando-o de Pai; mostrava um Deus compassivo, misericordioso, amante de todos os seres, como seria o mais amoroso dos pais terrenos, e não um deus severo e implacável como era visto o Deus de Israel.

E o mais impressionante, ele ensinava uma forma nova de viver, dizendo que é o que conduziria ao reino dos céus. Pregava que se amasse os inimigos, se falasse bem dos que nos maldissessem, se fizesse bem aos que nos odiassem, e se orasse por quem nos maltratasse. E que felizes seriam os mansos, os misericordiosos, os que fazem a paz... Muitas coisas belas ouviu Eliezer, e as repetiu a Kaleb. Uma frase, em especial, o tocou tanto, que conseguiu lembrá-la inteira e Kaleb me repetiu: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o vós também a eles, porque isso resume a Lei e os profetas”.

Eliezer, profundamente atraído, buscou outras ocasiões de ouvir o Rabi Nazareno, e o conseguiu num dia em Betânia, onde Ele se hospedara na casa de um amigo, e compartilhava seus ensinamentos para uma quantidade tão grande de pessoas que não cabiam na sala, ficando amontoadas nas janelas e portas. A partir dali Eliezer se deixara envolver pela doutrina do Rabi, percebendo-o como um grande Enviado, e

acreditando que era, como ouvia dizer, o Messias esperado por Israel.

Ouvindo de meu cunhado esse relato, fiquei impressionado e estranhamente comovido, como se captando ao longe uma melodia que me era familiar, sem poder identificá-la. E secretamente acalentei o desejo de um dia poder ouvir de perto esse Rabi tão diferente e consolador. Somente com Leah compartilhei o que ouvira e sentia. Nunca pude ouvi-lo; mas o Altíssimo determinara que não o deixaria de encontrar, embora nas mais tristes circunstâncias.

Passaram-se meses, e um dia fui procurado por Kaleb; entusiasmado, repetiu um recado de Eliezer: amigos de Betânia haviam garantido que o Rabi iria dirigir-se a Jerusalém, para passar o Pessach (a Páscoa judaica) que se avizinhava, e pregar em alguns lugares dali. Fiquei alvoroçado e feliz com a perspectiva de ouvir palavras tão novas e consoladoras. Alguns conhecidos vindos da Galileia, que O tinham ouvido, diziam ser Ele o Messias finalmente chegado; outros murmuravam que seria um novo Rei de Israel, destinado a libertar-nos do jugo romano. E soube que Ele pregava contra os privilégios dos ricos e a extorsão dos dizimos, que sangravam o povo em benefício da hierarquia do Templo, dizendo que Jeová devia ser honrado apenas em espírito e verdade. Ouvindo isso, estranho aperto me envolveu o coração, porque lembrei a opulência do alto clero judaico, os impostos e oferendas que oprimiam o povo, já taxado pesadamente pelo Império; e me veio à mente a figura imperiosa e algo sinistra do sumo sacerdote, Caifaz, e de seu sogro Hanan, ex-sumo sacerdote. Se soubessem dessas ideias...

Finalmente a semana anterior ao Pessach chegou, e Kaleb assegurava que a qualquer momento poderia o Rabi adentrar os muros da cidade. É estranho que, sem o ter conhecido ou escutado, meu espírito se alvoroçasse com a ideia, como num pressentimento inusitado e forte.

Nas grandes festas religiosas, verdadeiras multidões de judeus vindos de toda parte, de fora da Palestina, se concen-

travam em Jerusalém, a cidade sagrada porque tinha o Templo com as Tábuas da Lei.

Ia descendo a tarde, e eu me achava com Leah em nossa pequena loja, quando principiamos a ouvir um rumor surdo, como de uma maré humana se aproximando. Saí na direção da rua das Especiarias, e topei com uma multidão frenética, que foi tomando conta da rua, gritando vivas e hosanas, e agitando folhas de palmeiras... E o que gritavam era “Salve o Rei de Israel, salve o Messias!”. Fiquei aturdido, pregado ao chão, percebendo aquelas criaturas pobremente vestidas, que depois soube serem galileus que o acompanhavam, avançando em alvoroço, empurrando e abrindo caminho entre o povo que já tomava conta da cidade. (Mais tarde, bem mais tarde, soube que entre eles tinham sido infiltrados alguns a soldo do Sinédrio, encarregados de inflamar a turba e colocar no Rabi o estigma de desordeiro e sedicioso).

A rua apertada se tornava estreita para a passagem da massa, que pressionava a frente das lojas, empurrava as caixas, cestos e mesas com amostras e mercadorias. Entre eles, percebi de relance vários mendigos e criaturas de má fama que viviam pelas ruelas de Jerusalém e também alguns dos forasteiros que, aproveitando-se da confusão, iam saqueando aqui e ali, surrupiando frutas, doces e outras miudezas, sob o clamor dos negociantes que gritavam e empurravam o rio humano a se derramar, irrefreável. Foi rápida e impetuosa a cena. E de súbito me foi dado entrever, no meio daquela torrente de rostos e vestes, algo que me magnetizou e paralisou.

Era uma figura alta e impressionante que, apesar da confusão da turba, se mantinha serena, e avançava, embora pressionada por ela, com um andar cadenciado. Tinha a testa alta, os cabelos cor de amêndoa lhe caíam longos cercando um rosto de beleza ímpar, lembrando a nobreza das estátuas da Grécia. A seu lado, procurando heroicamente preservá-lo do aperto da multidão, iam uns poucos que adivinhei serem seus seguidores mais próximos.

A corrente humana rolava célere; eu não hesitei um instante: apenas o vi passar, rapidamente segui atrás e procurei preservar-me do aperto irracional, enquanto aquele mar de gente prosseguia e dobrava outra rua. Fui empurrando um pouco aqui e ali, buscando aproximar-me do Rabi – pois era Ele, sim, eu o soubera de imediato. Ao alcançar a rua dos Tecelões, mais adiante, o vozerio era crescente, pois juntavam-se os gritos dos mercadores indignados, que viam seus toldos, fardos e cestos derrubados, enquanto a multidão se espremia, buscando atravessar. Eu já conseguira me aproximar do Rabi, não sei mesmo como, enquanto o coração me batia descompassado. Foi quando o caudal humano, ao dobrar outra rua, pareceu que ia amassar o Rabi contra alguns fardos da calçada, junto com seus amigos, que tentavam desesperadamente protegê-lo. Eu estendi instintivamente os braços e amparei os fardos, impedindo que os atingissem. Foi quando, por alguns segundos, o olhar do Rabi alcançou o meu, e o que nele vi ficou em minha alma para sempre. Foi como uma luz, um sorriso interno, uma bênção sem palavras. Ele passou, e eu fiquei ali por instantes, inundado de algo que não saberia descrever – e até hoje não consigo, mesmo com a alma ajoelhada e desfeita em lágrimas.

Logo, entre o aperto da multidão, segui rápido no calçadão deles. Iam na direção da cidade alta. Depois de atravessar a ponte, aquele povo todo seguia no rumo do Templo. O que pretenderiam, assim desorganizados e com aquele ímpeto, não se podia prever. O que eu percebera é que o Rabi, a não ser por um milagre, não conseguiria deter a multidão. Estavam imbuídos de um fervor coletivo que não permitia apelo. Soube mais tarde que o impulso que os tangeria era a pretensão de que algo miraculoso aconteceria, que o Rabi iria ser auxiliado por legiões de anjos e assumiria o trono de Israel, banindo os romanos e estabelecendo um novo reino em Israel – embora Ele sempre tivesse afirmado que *o seu reino não era deste mundo*.